

Associação do conhecimento tradicional ao conhecimento explícito na terra indígena Guarani *Tekoa Porã*

Association of traditional knowledge with explicit knowledge in the Guarani indigenous land *Tekoa Porã*

Maria do Carmo Ferreira Mizetti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
mariadocarmomizetti@gmail.com

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
maria.teixeira@ufrgs.br

Resumo

Esta investigação de caráter exploratório e abordagem qualitativa utilizou a observação e a análise documental com o objetivo de identificar e caracterizar o processo de conversão do conhecimento tácito em explícito e vice-versa, a partir da aplicação do Plano de Gestão Territorial e Ambiental, na Terra Indígena Tekoa Porã, no Salto do Jacuí / RS, embasada na teoria da espiral do conhecimento de Nonaka ; Takeuchi (2008). Os primeiros resultados mostraram que conhecer os costumes e as crenças indígenas permitiram que os técnicos não indígenas, envolvidos no Projeto, vivenciassem uma nova proposta educacional, além da percepção da importância de transformar o conhecimento tácito dos Guarani, em uma linguagem documental que pluralize suas vivências saberes e fazeres.

Palavras- chave: conhecimento tácito, conhecimento explícito, Guarani

Abstract

This investigation, of an exploratory nature and qualitative approach, used observation and document analysis with the objective of identifying and characterizing the process of converting tacit in to explicit knowledge, and vice-versa, from the application of the Territorial and Environmental Management Plan, in the Tekoa Porã Indigenous Land, in Salto do Jacuí / RS, based on Nonaka's theory of the spiral of knowledge; Takeuchi (2008). The first results showed that knowing the indigenous customs and beliefs allowed the non-indigenous technicians involved in the Project to experience a new educational proposal, in addition to the perception of the importance of transforming the tacit knowledge of the Guarani into a documentary language that pluralizes their experiences, knowledge and doings.

Key words: tacit knowledge, explicit knowledge, Guarani

Introdução

Os povos indígenas são detentores de conhecimentos tácitos que são tradicionais, milenares que, ao longo do tempo, vêm sendo transmitidos pelos mais velhos exclusivamente através da oralidade. Estes conhecimentos tradicionais estão muito associados à realidade em que essas comunidades vivem e são significativos, particularmente, no que se refere à biodiversidade e à espacialização de aldeias e de rotas migratórias da etnia em estudo, isto é, os Guarani Mbyá. (SILVA et al., 2016) (PIOVEZANA; PIOVEZANA; BERNARTT, 2018).

Os defensores, professores e escritores da cultura indígena tais como Kopenawa e Krenak, evidenciam um vínculo entre a cultura e a espiritualidade indígena que se constitui em um aporte teórico-metodológico importante para alavancar a construção do conhecimento em Ciências. (KOPENAWA, 2015; KRENAK, 2022)

Autores indígenas apontam para educação no sentido que o aprendizado indígena ocorre através da experiência, do contato com os mais velhos uma vez que as crianças precisam escutar, sentir, observar e isso se aprende na prática através das experimentações desde criança. Eles praticam aos poucos, de acordo com a idade. É assim que aprendem, a caçar, pescar, fazer artesanato entre outras coisas. (BENITES, 2015).

Este artigo integra o projeto de pesquisa de campo, na modalidade estudo de caso, sobre a espiritualidade dos indígenas no processo de ensino e de aprendizagem de Ciências na escola indígena de educação básica, no Rio Grande do Sul.

Dentre os instrumentos de coleta de dados utilizados, a observação participante foi adotada para conhecimento da realidade existente na escola indígena da aldeia Terra Indígena (TI) Tekoa Porã, um dos sujeitos da pesquisa acima descrita. Localizada no município de Salto do Jacuí, esta Aldeia possui uma área de 507,698 km² e a sua população está estimada em 12.416 habitantes. Para viabilizar esta observação, foi realizada uma visita a esta Aldeia em agosto de 2019.

A observação participante se constituiu em diálogo com os membros da comunidade em geral, abordando as condições da escola indígena, da biblioteca escolar, da implementação do currículo de Ciências e das atividades socio-pedagógicas desenvolvidas pelos membros desta comunidade. Em decorrência dos temas abordados, foi relatado pelo Cacique a implementação do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) que, segundo a comunidade, gerou um importante desenvolvimento para a TI Tekoa Porã e uma troca de informações significativas entre os envolvidos: comunidade indígena e gestores do referido Plano. Na ocasião, o Cacique presenteou a pesquisadora com um exemplar da publicação:

TENONDERÃ YVY HÁ'EGUI KA'AGUY:TEKOA PORÃ = Plano de Gestão Territorial e Ambiental: Terra Indígena Salto do Jacuí. Porto Alegre, 2017. A leitura deste documento motivou uma reflexão sobre a construção e a apropriação do conhecimento pelos indígenas.

Fundamentação Teórica

Espaço e Territorialidade da Etnia Guarani

O conceito de espaço e de territorialidade dos Guarani Mbyá é, muitas vezes, incompreensível ao homem branco, conforme descreve Ladeira; Matta (2004, p. 8), [...] *para os Guarani, o conceito de território supera os limites físicos das aldeias e trilhas e está associado a uma noção de mundo* [...] que pode se concretizar, por meio da caminhada (*guata*), prática ancestral desta Etnia.

Esta caminhada obedece a razões de ordem social, econômica e política entre as aldeias (*tekoa*) e entre outros grupos étnicos, mas também tem importante função em relação à sua espiritualidade e aos seus rituais. (HELD et al., 2011).

Desta forma, não se pode confundir o andar Guarani às incursões a esmo nos mais diferentes rincões, tal como ocorre no nomadismo. Segundo Farias; Henneigen (2019), a atribuição desse modo de viver ao nomadismo está associada, muitas vezes, a argumentações construídas para destituir direitos territoriais. Talvez, aqui esteja firmada a principal argumentação contrária à demarcação de terras Guarani no Brasil.

Conhecimento Tácito e Conhecimento Explícito

Os mais velhos, na cultura dos povos Guarani Mbyá, são considerados guardiões e transmissores de conhecimentos, considerados por muitos pesquisadores como bibliotecas vivas. São respeitados e valorizados por todos da comunidade, pois desempenham um importante papel quanto à perpetuação da cultura, contribuindo para assegurar a tradição que caracteriza o “modo de ser Guarani Mbyá” (HELD et al., 2011); (MARQUES et al., 2015).

Dentre os muitos conceitos estabelecidos para o processo de aquisição do conhecimento, pode ser destacado o ponto de vista de Braun; Mueller (2014, p. 988) quando afirmam que: *O conhecimento é resultado de uma ação, um produto em movimento contínuo, como um ciclo que se reinicia no momento de apropriação da informação, pela interação da pessoa com a informação.*

Para Nonaka; Takeuchi (2004), o conhecimento, ao contrário da informação, está relacionado às crenças e aos compromissos de um indivíduo, que lhes atribui um significado único. Desta forma, o conhecimento é resultante de diversas experiências acumuladas pelo indivíduo. Para estes autores, o conhecimento pode ser classificado como tácito e explícito, pois consideram que o conhecimento tácito (CT) é aquele tido como físico, apresentando dificuldades na sua formalização e comunicação e, para esse conhecimento, há necessidade de alguma forma de experiência compartilhada. Ele está arraigado nas ações, nos ideais e nos valores do indivíduo. Trata-se de uma forma de conhecimento dito pessoal, adquirido através da prática, do resultado das experiências, dos valores, das crenças, das percepções, dos erros e dos sucessos dos indivíduos e se caracteriza pela dificuldade de compartilhamento das informações através da linguagem formal. Porém, quando o espaço amostral é indígena, o CT mostra-se muito mais evidente e peculiar, uma vez que se dá através da oralidade. Desta forma, o CT, ao ser considerado como ferramenta estratégica de gestão e de produção passa a ser também a forma de conhecimento mais importante em um determinado segmento, seja ele social ou até mesmo empresarial. (MOHAJAN, 2016) ; (KIM ; PARK, 2017).

Barros (2021, p. 4) considera que o CT é: [...] *mais difícil de ser transmitido ou colocado em matrizes teórico-conceituais específicas, pois sua reprodução acontece, principalmente, nas relações de “boca a ouvido”, nas quais são “in-formados” os códigos culturais expressos e não expressos.*

Se, por um lado, o CT conta com as experiências pessoais do indivíduo, de difícil formalização que, em sua maioria, se dá ao acaso, por outro lado, o conhecimento explícito (CE), segundo Jarvis (2015), a partir da percepção da realidade se transforma no processo de aprendizagem, através do pensar, do sentir e do fazer, tornando-se então um processo explícito, exteriorizado através da linguagem formal, podendo estar disponível na forma de normas, manuais, metodologias, entre outros recursos de informação.

Espiral do Conhecimento

A teoria chamada de **conversão do conhecimento** (grifo nosso) criada por Nonaka; Takeuchi (2008) pode ser utilizada como ferramenta norteadora para o estudo da dinâmica da criação do conhecimento, no âmbito de determinado grupo social.

A conversão do conhecimento considera que os conhecimentos tácito e explícito são mutuamente complementares. Esta teoria apresenta quatro modos de conversão do conhecimento: socialização, externalização, combinação e internalização, apresentados na Figura 1, na forma de Espiral do Conhecimento.

O compartilhamento de informações, no modo socialização, pode ocorrer através da observação, do diálogo, da imitação e da prática. No entanto, é preciso que haja uma troca entre um indivíduo e outro. Ono ;Valente (2020) ressaltam que a simples transmissão de informações pouco contribuirá para a criação do conhecimento tácito sem as emoções e os contextos específicos, nos quais se encontram inseridas as experiências. Em relação às emoções, há que considerar que se trata também de uma das interfaces do aprendizado que, por sua vez, podem se materializar em função de estímulos ou situações ambientais, como também por processos somático-corporais e crenças culturais. (FONSECA, 2016).

Figura 1. Espiral do conhecimento



Fonte: Adaptado de Nonaka ; Takeuchi; (2008).

A externalização considera o processo de articulação do CT em conceitos explícitos. Segundo Ono ; Valente (2020), a experiência compartilhada é o modo de aquisição do CT;

portanto torna-se indispensável que o aprendiz observe, imite e pratique com seu mestre, não havendo a necessidade do diálogo. A partir da externalização, é possível a construção do conhecimento e a formação de novos conceitos.

A combinação corresponde ao processo de sistematização de conceitos onde CE é utilizado para gerar novos CE.

Na internalização, ocorre a incorporação do conhecimento explícito no conhecimento tácito pelo indivíduo, ou seja, o conhecimento explícito torna-se tácito. Neste processo de conversão do conhecimento, é fundamental que ocorra a verbalização e diagramação do conhecimento sob diferentes formas de documentos, por meio de distintas linguagens. (ONO; VALENTE, 2020).

Estes conceitos acima descritos podem ser percebidos nos procedimentos metodológicos de implantação do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) na TI Tekoa Porã.

Procedimentos Metodológicos para realização do PGTA

O subprojeto PGTA é parte de um projeto maior executado pelo Centro de Trabalho Indígena (CTI), Comissão Guarani Yvyrupa e colaboradores do Fundo Newton de Pesquisa (São Paulo). O projeto ocorreu, a partir da aproximação de técnicos, pesquisadores, gestores públicos e da sociedade civil à comunidade indígena. A definição das comunidades indígenas que iriam participar do projeto se deu no Conselho de Articulação do Povo Guarani do Rio Grande do Sul (CAPGRS). Num primeiro momento, foram escolhidas três TI do Estado. A primeira, Tekoa Porã no Salto do Jacuí; a segunda, Tekoa Jata'ity em Viamão e a terceira, Tekoa Mirim na região do Cantagalo, localizada no Bairro Lami em Porto Alegre. Importante mencionar que a escolha dessas terras está diretamente relacionada à presença da monocultura de eucaliptos na Tekoa Porã.

Em julho de 2016, em São Paulo, ocorreu o primeiro movimento junto às lideranças indígenas na reunião da Comissão Guarani Yvyrupa, que é uma organização indígena que congrega coletivos do povo Guarani das regiões Sul e Sudeste do Brasil, que lutam pelo território. Na oportunidade, foram discutidas as principais demandas dos territórios do Sul e do Sudeste do País. No estado do Rio Grande do Sul foram contempladas duas TI: uma, na Barra do Ribeiro e a outra, no Salto do Jacuí, sendo esta última o sujeito da presente pesquisa.

Em 2017, foi implantado o Plano de Gestão Territorial e Ambiental Terra Indígena Salto do Jacuí. Este Plano contempla entre outras áreas do conhecimento a segurança e à soberania alimentar, o manejo dos recursos naturais, na região, as fontes de geração de renda e as condições de habitabilidade e de usufruto da terra.

Durante a implementação da metodologia proposta no Plano, inicialmente, os indígenas ouviram os técnicos que realizaram três levantamentos de campo na Tekoa Porã, no período compreendido entre agosto de 2016 e janeiro de 2017 com a duração de sete dias para cada levantamento. Como este era um período que coincidia com a época de plantio, aliou-se à implementação do PGTA o desenvolvimento das atividades normais e rotineiras da comunidade indígena, voltadas à agricultura.

Este artigo foi desenvolvido, a partir do referencial teórico cujo recorte enfatizou os pressupostos do conhecimento tácito e do conhecimento explícito e foi motivado pela

Figura 2. Espiral do conhecimento, mapa elaborado pela comunidade [(b) conhecimento tácito].



Fonte: Figura (a) e (b) adaptadas do Plano de Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas Guarani.

Mais do que uma experiência compartilhada, os indígenas, ao se apropriarem e registrarem seu patrimônio cultural e material, asseguraram como também criaram conceitos. As experiências compartilhadas durante a fase de elaboração dos mapas, associadas ao empoderamento dos atores participantes, também serviram como ferramenta interdisciplinar para a elaboração do Plano de Vida (ou Bem Viver), considerando o conhecimento dos Karáí Kueri (liderança espiritual do povo Guarani) sobre a região, as matas e as terras que habitam.

Este tipo de ferramenta, além de proporcionar a formalização e manutenção do CT indígena, torna-se importante na melhoria da gestão do ambiente.

Percebe-se que a combinação de conhecimentos gerados pelos envolvidos, culmina na concepção de um novo conhecimento. De outra forma, uma reconfiguração é instaurada e um novo conhecimento é percebido: o CE se apresenta sob uma nova roupagem, que agrega e organiza uma nova informação. Uma nova leitura sob a égide da paisagem das terras Tekoa Porã. Não é mais a mesma: se expandiu e se desenvolveu em um novo CE.

Cabe mencionar que essa nova concepção de CE não se deu somente no campo indígena. Também ocorreu no grupo dos não indígenas. A partir do processo de combinação, o ambiente da TI foi reclassificado, de acordo com as categorias e formas de uso indígenas (PGTA, 2017, p.19). As matas nativas foram divididas entre capoeiras e matas maduras; o campo (*Nhundy*), ocupando uma pequena área da TI; as espécies exóticas (silvicultura), identificadas como área de Eucalipto (*Kalipioty*) e a área de Pinos (*Pinhondy*). Também foram classificadas as áreas em que os Mbyá cultivam a agro biodiversidade, destacando-se as roças familiares (*Kokue*), os quintais agroflorestais (*Oka*) e os espaços no entorno das casas da TI.

As principais trilhas (*tapepo'i*), que são utilizadas rotineiramente pelos Guarani Mbyá, também foram catalogadas. Ainda foram situadas, nos mapas, a estrutura da Aldeia, da escola e da casa de reza (*Opy*) entre outros.

Uma nova transformação, em que pese os fatores e processos endógenos e exógenos que contribuíram para essa nova fase do conhecimento, agora se prepara para a internalização como pode ser percebido diante da exposição espacial da terra indígena Tekoa Porã, representada por 37 espaços de roça, previamente discutidos e elaborados pelos atores do PGTA.

Novamente, os processos de construção do conhecimento, em especial a fase de internalização, acontecem a partir do aprender fazendo onde se percebe que o manuseio da terra

e a produção de alimentos ocorrem pela ação de todos os indígenas, muito embora cada espaço produtivo esteja associado à operacionalidade de uma família pré-determinada, onde todos atuam indistintamente. (PGTA, 2017, p.40; 45; 50).

As famílias praticam a agricultura tradicional e cultivam diversas espécies de interesse alimentar dentre elas: a melancia, as hortaliças, o feijão, a abóbora e o milho. Para tal, o preparo da terra e o plantio dessas roças é feito através de um *puxirão* (mutirões comunitários) onde toda a família trabalha, inclusive as crianças. No entendimento dos Guarani Mbyá, este é um ensinamento para que as crianças aprendam a plantar, fazer roças tradicionais, preparar a terra e realizar a limpeza à maneira indígena. O puxirão também poderia ser associado ao processo de internalização, uma vez que parte da premissa do aprender fazendo, aprender durante a execução de algo.

Não obstante, cabe mencionar que a experiência propriamente dita, não é um processo fechado que condiciona a um único caminho ou a um único veículo de chegada à internalização pela prática funcional e aplicada. Conforme Roza (2020, p. 5), [...] a internalização também pode ser alcançada pelo indivíduo, ao incorporar a prática do cotidiano: vivências, lições aprendidas, casos de sucesso e de fracasso, o que, por sua vez, irá configurar um modelo mental tácito.

Discussão dos Resultados

Após a visita, a reunião, a leitura e a análise do documento TENONDERÃ YVY HÁ'EGUI KA'AGUY: TEKOA PORÃ = Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA): Terra Indígena Salto do Jacuí e, tomando como base a Espiral do Conhecimento, desenvolvida por Nonaka; Takeuchi (2008), foi possível tecer as seguintes observações:

- a) O processo de conversão do conhecimento tácito, denominado de socialização, pode ser inicialmente percebido, quando ocorreu a aproximação entre a TI e os técnicos brancos, responsáveis pelo PGTA, em razão do aceite dos integrantes da etnia Guarani. Nesses encontros, ocorreram diálogos entre as partes, o que permitiu aos indígenas que se apropriassem do que seria realizado, ou seja, do escopo do Plano, propriamente dito;
- b) Os indígenas, através da oralidade, sua principal forma de comunicação, expuseram suas vontades e seus anseios, suas emoções, seus sentimentos e sua satisfação, parte do seu CT em diferentes frentes do saber, incluindo a natureza e o seu modo de viver. É pela oralidade e pela imitação que o CT se consolida, tendo fundamental importância na rede de relações das comunidades indígenas e, em especial, na transmissão de saberes. (CAMPOS; GOMES; GODOY, 2020).
- c) Percebeu-se durante a reunião, através do relato dos participantes, que os indígenas se sentem sujeitos da informação, ao expor suas percepções sobre a narrativa dos técnicos e, de imediato, compartilhar suas vivências, vontades, visão e importância do meio onde vivem.

Diante disso, observou-se que o CT indígena, estaria recebendo uma nova roupagem de CT e, quem sabe, o CT do homem branco, uma nova visão. De outra maneira, a socialização das informações e uma nova conversão do CT pareceu estar se formando; desta vez, entre as etnias.

Considerações Finais

Ante o exposto, o que se pode constatar em relação ao espaço amostral, aos registros, aos diários de bordo e relatos dos técnicos do PGTA, é que a apropriação dos costumes e crenças indígenas tem contribuído para um novo entendimento acerca do seu modo de viver. Os técnicos não indígenas do PGTA também vivenciaram uma nova proposta operacional/educacional, por meio do compartilhamento das experiências e de saberes com os indígenas.

A troca dos conhecimentos tácito e explícito resultou em uma valiosa parceria entre os envolvidos no Plano. Os indígenas iniciaram um novo ciclo comportamental, diferente daquele ao qual estavam acostumados, que modificou as suas relações com o trabalho, a família, a produção de alimentos, o meio ambiente, a escola, o ensino e a aprendizagem em Ciências. Os técnicos, por sua vez, beneficiaram-se com o aprendizado advindo da convivência com as famílias indígenas e todo o seu conhecimento milenar, expresso através da troca de ideias, ensinamentos, espiritualidade e respeito aos mais velhos, em decorrência das informações por eles transmitidas e/ou pelos xamãs, oralmente, na forma de histórias.

Assim, espera-se que, com o acesso dos povos indígenas à educação formal todo conhecimento tácito e as diferentes formas de transmissão desses saberes e fazeres possam ser potencializados, a partir da ação conjunta entre academia e as comunidades indígenas, a fim de assegurar às novas gerações a apropriação desse conhecimento que está presente nas aldeias e que é preservado pelos mais velhos.

Da mesma forma, a implementação do Plano ora relatado poderá ser estendido a outras comunidades indígenas visando alcançar os mesmos resultados obtidos por meio dessa experiência.

Agradecimentos

Agradecemos a contribuição da Dr^a Iara Conceição Bitencourt Neves e do Dr Ivan Renato Cardoso Krolow

Referências

ALMEIDA, E. P.; VIDAL, M. R. O Uso de Elementos de Etnomapeamento no Ensino de Geografia em Terras Indígenas. **Revista NERA**, São Paulo v. 23, n. 54, p. 259-283, dossiê, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/7920> Acesso em: 03 nov. 2021.

BARROS, N. Cuidado emancipador. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 4, 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200380> Acesso em: 24 jun. 2021.

BATISTA, K. M.; MILIOLI, G.; CITADINI-ZANETE, V. Saberes Tradicionais de Povos Indígenas como Referência de Uso e Conservação da Biodiversidade: considerações teóricas sobre o povo Mbya Guarani. **Ethnoscintia**, Belém, v. 5, n. 1, p. 1 - 17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10299> Acesso em: 24 nov. 2021.

BENITES, S. Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ : Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. 2015. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. 2015.

BRAUN, C. C.; MUELLER, R. R. A Gestão do Conhecimento na Administração Pública Municipal em Curitiba com a Aplicação do Método OKA Organizational Knowledge Assessment. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, p. 983-1006, jul./ago. 2014.

CAMPOS, A. L. A.; GOMES, A. C.; GODOY, M. E. G. Os Guarani Mbyá nos Rituais Ara Pyau (Ano Novo): a festa da erva-mate. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 15, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/OneDrive/Documents/2781-Texto%20do%20artigo-12018-1-10-20200914.pdf> Acesso em: 10 jan.2020.

FARIAS, J.; HENNEIGEN, I. A. Tekoa Ka'aguy Porã: Espaço Ancestral e Produção de Subjetividade Mbyá-Guarani. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 53-56, 2019. número especial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221659>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FONSECA, V. da. Importância das Emoções na Aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagógica**. [online], v.33, n.102, p.365-384, 2016 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014 Acesso em: 05 jan. 2021.

HELD, A. A. von et al. **Percepção de Saúde na etnia Guarani Mbyá e a Atenção à Saúde**. Atenção Básica: Ciência da Saúde Coletiva, Brasília, DF, n. 16, 2011. Suplemento 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700024> Acesso em: 12 jan. 2022.

JARVIS, P. A Aprendizagem Humana: implícita e explícita. **Educação do Campo** = Education in Rural Áreas, Porto Alegre, v. 40, n. 3, jul./set., 2015.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623648387> Acesso em: 12 jan. 2021.

KIM, W.; PARK, J. Examining structural relationships between work engagement, organizational procedural justice, knowledge sharing, and innovative work behavior for sustainable organizations. **Sustainability**, v 9, n. 205, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su9020205> Acesso em: 10 nov. 2021.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A Queda Para o Céu: palavras de um xamã Yanomami. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LADEIRA, M. I.; MATTA, P. **Terras Guarani no Litoral**: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka'agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue ~y. São Paulo: CTI, 2004.

MARQUES, F. D. et al. A Vivência dos mais Velhos em uma Comunidade Indígena Guarani Mbyá. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 415-427, ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p415> Acesso em: 05 jan. 2021.

MOHAJAN, H. Sharing of tacit knowledge in organizations: a review. **American Journal of Computer Science and Engineering**, v. 3, n. 2, p. 6-19, Mar. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314062797_Sharing_of_Tacit_Knowledge_in_Organizations_A_Review Acesso em: 02 jan. 2021.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Criação de Conhecimento na Empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional. In: TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

ONO, A. T. ; VALENTE, J. A. A Criação do Conhecimento de Nonaka Takeuchi: ponderações acerca das principais críticas à teoria. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.6, p. 37421-37439, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.34117/bjdv6n6-320> Acesso em 03 Jan. 2021.

PIOVEZANA, G. D., PIOVEZANA, L. ; BERNARTT, M.L. Territórios e territorialidades contestadas: espaços em conflitos e disputas pela terra. In: TEDESCO, J. C.; SEMINOTTI, J. J. (ed.). **Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil**: questões contemporâneas [online]. Chapecó: Ed. UFFS, 2018. p. 230-259. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788564905764.0008> Acesso em: 05 dez. 2021.

ROZA, R. H. A Dinâmica da Inovação Segundo a Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional. **Revista Ibero-Americana de Criatividade e Inovação**, Campinas, v. 02, n.3, p. 123-133, 2021: Disponível em: <https://recriai.emnuvens.com.br/revista/article/view/45> Acesso em: 10 jan. 2021.

ROZA, R. H. Revisitando a Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v.43, n.3, p.1-12, sep./dec. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.rib.v43n3eRv2>. Acesso em: 02 Jun. de 2021

SILVA, D. M. et al. Dificuldades enfrentadas. pelos indígenas durante a permanência em uma Casa de Saúde Indígena na região Amazônica/Brasil. **Saúde e Sociedade**. Paulo, v. 25, n. 4, p. 920-929, 20 out. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n4/1984-0470> Acesso em: 16 dez. 2021.

TENONDERÃ YVY HÁ'EGUI KA'AGUY:TEKOA PORÃ = Plano de Gestão Territorial e Ambiental: Terra Indígena Salto do Jacuí. Porto Alegre, 2017. Disponível em : <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2019/10/pgtasaltojacui.pdf>